

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão
da Educação Brasileira 4



Atena
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão da
Educação Brasileira 4

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A945	<p>Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 4 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 4)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-461-0 DOI 10.22533/at.ed.610191007</p> <p>1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 379.981</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira” contou com a contribuição de mais de 270 artigos, divididos em 10 volumes. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da educação, sobretudo, avaliação, políticas e expansão da educação brasileira.

A temática principal foi subdividida e ficou assim organizada:

Formação inicial e continuada de professores - **Volume 1**

Interdisciplinaridade e educação - **Volume 2**

Educação inclusiva - **Volume 3**

Avaliação e avaliações - **Volume 4**

Tecnologias e educação - **Volume 5**

Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos; Gênero e educação - **Volume 6**

Teatro, Literatura e Letramento; Sexo e educação - **Volume 7**

História e História da Educação; Violência no ambiente escolar - **Volume 8**

Interdisciplinaridade e educação 2; Saúde e educação - **Volume 9**

Gestão escolar; Ensino Integral; Ações afirmativas - **Volume 10**

Deste modo, cada volume contemplou uma área do campo educacional e reuniu um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis do ensino.

Entregamos ao leitor a coleção “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”, divulgando o conhecimento científico e cooperando com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
(DES) CAMINHOS DA AVALIAÇÃO DA QUALIDADE NOS CURSOS DE PEDAGOGIA NO BRASIL	
Jeferson Saccol Ferreira	
Elisa Christina Ferreira	
Júlio Alex Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.6101910071	
CAPÍTULO 2	22
A “COLA” NA AVALIAÇÃO DO ENSINO E APRENDIZAGEM NA VISÃO DE ALUNOS(AS) NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO SÃO SEBASTIÃO, APUIARÉS-CE	
Ivan Costa Lima	
Fabiana Almeida de Abreu	
DOI 10.22533/at.ed.6101910072	
CAPÍTULO 3	36
A AUTOAVALIAÇÃO COMO FERRAMENTA DE ESTÍMULO AO CRESCIMENTO PESSOAL E DE GRUPOS DE TRABALHO	
Bruna Larissa Maganhe	
Ana Luiza Carvalho de Oliveira Galvão	
Henrique Cancian	
Carmo Gabriel da Silva Filho	
Gustavo Cardoso Lima	
Nathalia Tami Nishida	
Iago Vinícius Teodoro Carraschi	
Bianca Freire Bium	
Bruna Alves Malheiros	
Mellory Martinson Martins	
Roberto Ruy Mendes de Araújo Filho	
Marcelo Machado De Luca de Oliveira Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.6101910073	
CAPÍTULO 4	40
A COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO DAS FACULDADES PRIVADAS DO SUL CATARINENSE	
Kelli Savi da Silva	
Antonio Serafim Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.6101910074	
CAPÍTULO 5	52
REFLEXÕES SOBRE O PROJETO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL DE UMA UNIVERSIDADE MULTICAMPI: O CASO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA	
Rafael Martins Sais	
DOI 10.22533/at.ed.6101910075	

CAPÍTULO 6 63

A UTILIZAÇÃO DE ATIVIDADES PRÁTICAS PARA MELHORAR O DESEMPENHO DE ALUNOS NA PROVA BRASIL

Elenise Neuhaus Diniz
Carine Girardi Manfio
Carla Loureiro Alves Kleinubing
Felipe Klein Genz
Welington dos Santos Ruis

DOI 10.22533/at.ed.6101910076

CAPÍTULO 7 69

ARTICULAÇÃO ENTRE AVALIAÇÃO E PLANEJAMENTO INSTITUCIONAL NA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Walterlina Brasil
Clésia Maria de Oliveira
Aline Andriolo

DOI 10.22533/at.ed.6101910077

CAPÍTULO 8 82

AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL, SISTEMAS DE GESTÃO DE INFORMAÇÃO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Maytê Cabral Mesquita
Maria Carolina Tomás
Kleber Jacques Ferreira de Souza
Leandro Figueira Lessa

DOI 10.22533/at.ed.6101910078

CAPÍTULO 9 93

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DOS CONTEÚDOS ESCOLARES: UMA ANÁLISE INTERPRETATIVA PELO OLHAR DAS TEORIAS CRÍTICAS

Deli Vieira Silveira
João Luiz Gasparin

DOI 10.22533/at.ed.6101910079

CAPÍTULO 10 106

AVALIAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: INDICADORES E MAPEAMENTO DE PROCESSOS

Guilherme Krause Alves
Luciane Stallivieri
Rogério da Silva Nunes

DOI 10.22533/at.ed.61019100710

CAPÍTULO 11 119

AVALIAÇÃO DA PESQUISA DESENVOLVIDA NA UFSC EM PARCERIA COM AS SUAS FUNDAÇÕES DE APOIO

Carla Cerdote da Silva
Alexandre Marino Costa
Lilian Wrzesinski Simon
Alexandre Moraes Ramos

DOI 10.22533/at.ed.61019100711

CAPÍTULO 12	136
AVALIAÇÃO DE COTISTAS E NÃO COTISTAS: UMA ANÁLISE DO DESEMPENHO ACADÊMICO E DA EVASÃO EM UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO	
Amália Borges Dário Rogério da Silva Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.61019100712	
CAPÍTULO 13	155
AVALIAÇÃO DE CURSOS E INSTITUIÇÕES: SISTEMA OU PROCESSO?	
Jacqueline Oliveira Lima Zago Vinícius Silva Flausino	
DOI 10.22533/at.ed.61019100713	
CAPÍTULO 14	166
AVALIAÇÃO DO ENSINO DA SUSTENTABILIDADE NOS MELHORES CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA CIVIL DO BRASIL	
Juliana Ferreira Bezerra Moccock Felipe Guilherme de Oliveira Melo Ângela Tainá da Silva Monteiro Clarissa Nogueira Pessoa Isabela Nascimento Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.61019100714	
CAPÍTULO 15	183
AVALIAÇÃO FORMATIVA DOCENTE E DISCENTE EM DIFERENTES CONTEXTOS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR E PROFISSIONAL: UMA REFLEXÃO COMPARATIVA	
Fernanda Sprada Lopes Silvana Mara Bernardi Rizotto Ivo José Both	
DOI 10.22533/at.ed.61019100715	
CAPÍTULO 16	189
INSTRUMENTOS PARA A AVALIAÇÃO DA QUALIDADE EM INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS	
Carin Carvalho Brugnara	
DOI 10.22533/at.ed.61019100716	
CAPÍTULO 17	203
NOVA PERSPECTIVA DE AVALIAÇÃO NAS LICENCIATURAS: A CONFECÇÃO E APLICAÇÃO DE RECURSOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS	
Ezequias Cardozo da Cunha Junior Augusto Helberty Silva	
DOI 10.22533/at.ed.61019100717	
CAPÍTULO 18	211
O AMBIENTE ESCOLAR: A RELAÇÃO ENTRE O ESPAÇO EDUCACIONAL E A APRENDIZAGEM	
Humberto Torres Gonzales	
DOI 10.22533/at.ed.61019100718	

CAPÍTULO 19	217
POLÍTICAS PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR E EVOLUÇÃO DE INDICADORES DE QUALIFICAÇÃO DOCENTE ENTRE 1995 E 2013: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO	
Alexandre Ramos de Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.61019100719	
CAPÍTULO 20	235
REFLEXÃO NARRATIVA E ANÁLISE DA MINHA PRÁTICA COMO DOCENTE	
Rubens Paulo Santos	
DOI 10.22533/at.ed.61019100720	
CAPÍTULO 21	251
RELAÇÃO DOS INDICADORES DE AVALIAÇÃO COM <i>PERFORMANCE</i> : O CASO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR COMUNITÁRIAS	
Jênifer de Brum Palmeiras	
Denize Grzybovski	
DOI 10.22533/at.ed.61019100721	
CAPÍTULO 22	271
TECNICAS MISTAS DE COLETA DE DADOS EM PESQUISA QUALITATIVA. PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS PRÁTICAS AVALIATIVAS DOS PROFESSORES ESPECIALISTAS DA UNNE	
Rocio Mariel Obez	
Laura Isabel Avalos Olivera	
Marlene Soledad Steier	
Milena María Balbi	
DOI 10.22533/at.ed.61019100722	
CAPÍTULO 23	284
USO DE ABORDAGEM QUALITATIVA EM PROCESSO DE AUTOAVALIAÇÃO DE CURSOS DE GRADUAÇÃO	
Neide Aparecida de Souza Lehfeld	
Edilson Carlos Caritá	
Manoel Henrique Cintra Gabarra	
Carlos Eduardo Saraiva Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.61019100723	
CAPÍTULO 24	294
POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: FLUÊNCIA TECNOLÓGICO-PEDAGÓGICA NA REDE E-TEC BRASIL UFSM	
Sabrina Bagetti	
Alessandro Carvalho Miola	
Elena Maria Mallmann	
DOI 10.22533/at.ed.61019100724	
SOBRE O ORGANIZADOR	309

REFLEXÃO NARRATIVA E ANÁLISE DA MINHA PRÁTICA COMO DOCENTE

Rubens Paulo Santos

UNICID – Universidade de São Paulo
São Paulo – SP

RESUMO: O objetivo deste trabalho é disponibilizar a narrativa de um educador em forma de documentário para sensibilizar os professores sobre suas práticas, auxiliando os processos de formação. Evidencio a importância de a escola promover e possibilitar diferentes oportunidades de aprendizagens para crianças em situação de vulnerabilidade social. A arte permitiu que a felicidade entrasse em minha vida. Segundo Berkenbrock-Rosito (2014). A reconstrução da história de cada um traz marcas artísticas. Ao criar e recriar as narrativas, as palavras, tal como no romance, no cinema, no teatro, na plasticidade da pintura, abstratas ou figurativas, tornam-se uma criação entre o ficcional e o não ficcional (Berkenbrock-Rosito, 2014, p.163). Esse percurso de reconstrução da minha história me permitiu lembrar de forma intensa e me apropriar de partes importantes da vida, além de compor um retrato do meu Eu, rompendo o formato linear, ao fazer esse movimento através das marcas artísticas que trago. Considero que o retomar das experiências em contextos de formação surgem como possibilidade de se reinventar e dar um novo sentido às aprendizagens, o

que é fundamental para a formação inicial e continuada. As minhas práticas pedagógicas são as experiências construídas a partir de minhas vivências, assim, relatá-las me auxilia a reelaborá-las e integrá-las ao meu processo de formação docente. Nóvoa (1995) afirma que na docência não se pode separar o “eu pessoal do eu profissional, sobretudo numa profissão impregnada de valores e ideais, e muito exigentes do ponto de vista do empenhamento e da relação humana (p. 9)”.

PALAVRAS-CHAVE: História de vida, Formação de professores, Narrativas.

ABSTRACT: The objective of this work is to provide the narrative of an educator in the form of a documentary to sensitize teachers about their practices, helping the training processes. I pointed out the importance of the school promoting and enabling different learning opportunities for children in situations of social vulnerability. Art allowed happiness to enter my life. According to Berkenbrock-Rosito (2014). The reconstruction of the history of each one brings artistic marks. In creating and recreating narratives, words, as in the novel, cinema, theater, plasticity of painting, abstract or figurative, become a creation between the fictional and the non-fictional (Berkenbrock-Rosito, 2014, p. 163). This journey of reconstruction of my history allowed me to recall

intensely and to appropriate important parts of life, as well as to compose a portrait of my Self, breaking the linear format, by making this movement through the artistic marks I bring. I consider that the return of the experiences in contexts of formation appear as a possibility to reinvent and give a new meaning to the learning, which is fundamental for the initial and continuous formation. My pedagogical practices are the experiences built from my experiences, so, reporting them helps me to re-elaborate them and integrate them into my teacher training process. Nóvoa (1995) states that in teaching one can not separate the “personal self from the professional self, especially in a profession impregnated with values and ideals, and very demanding from the point of view of commitment and human relationship” (p.9).

KEYWORDS: Life history, Teacher training, Narratives.

1 | INTRODUÇÃO

Sou filho da escola pública, originário das classes populares, conforme descrevem Carraher e Shieman (1983), Rocha (1983), Patto (1991), Lahire (1997) e Freitas (2002). Fui durante algum tempo, parte dos índices do fracasso e da evasão escolar do final da década de 1980 e início de 1990, entretanto, escapei das estatísticas dessa época que apontavam que o fracasso escolar atingia (e ainda atinge) grande parte dos indivíduos que pertencem às classes menos favorecidas. Vivi na pobreza e senti a desigualdade desde cedo. Isso marcou minha trajetória, mas não foi determinante e me foi possível superar.

Ao entrar na escola andava pelos corredores sem encontrar sentido na educação, sem consciência do meu papel, aquele lugar não tinha uma relação com o meu mundo. Dessa forma, meu cotidiano era permeado pela melancolia. Sempre estava na escola querendo que o dia acabasse. Estar lá se tornou uma tortura, pois os castigos eram frequentes, as formas de explicar os conteúdos sempre eram as mesmas. A professora explicava a mesma coisa do mesmo jeito, só mudando o tom de voz, às vezes, aos gritos. Como eu poderia ter vontade de estar num ambiente que acentuava a minha condição de vulnerabilidade? Portanto, percorri o caminho que era comum a muitos adolescentes da minha época: a evasão escolar.

No livro *Terra dos Homens*, Saint-Exupery (2016) descreve suas recordações como piloto do correio francês e aproveita suas experiências para dar suas impressões sobre o mundo e as desigualdades sociais na Europa de sua época. Ao relatar uma viagem de trem, na segunda classe, conta que encontrou imigrantes poloneses a caminho do trabalho, na França, empilhados como animais e se refere a “máquina de entortar homens”, que é uma metáfora das transformações que os indivíduos passam durante sua trajetória, deformando-os na sua individualidade devido às desigualdades e injustiças sociais. Era assim que eu me sentia na escola formal, que era o oposto das minhas expectativas. Eu estava passando pela máquina de entortar meninos, que não promovia oportunidades para as crianças em situação de vulnerabilidade, dessa

forma, eu não encontrava um lugar no mundo dos homens.

Ao me matricular e frequentar uma escola de música dentro de uma comunidade cristã encontrei lugar no “mundo dos homens”, o que não aconteceu na escola formal. Nesse espaço, encontrei educadores não formais que me olharam diferente, sem cobranças de certo ou errado, sem berros ou castigos. Ali era o aprender por prazer, as soluções nós construíamos juntos, assim a arte se entrelaçava com minha trajetória.

Ao sentir-me capaz, a vida ficou melhor de ser vivida, outras portas se abriram, outros conhecimentos fizeram sentido e assim fui me aproximando do empoderamento. As notas musicais pareciam saltar da lousa e vinham ao meu encontro, tudo começou a fazer sentido. Comparo esse momento como uma cortina se abrindo. Aqueles educadores causaram marcas e plantaram uma semente que até hoje reverbera no meu trajeto. Posteriormente, retornei ao ensino formal, com melhor capital cultural, auto-estima e esperança, características que me permitiram seguir. Assim, consigo concluir o estudo básico e superior. Dessa forma, iniciei minha trajetória como docente e hoje me encontro na Pós Graduação.

Na Pós Graduação, cursei a disciplina “Gestão Escolar, Organização Pedagógica e Mediações no Espaço Escolar”, que me ajudou repensar meu papel de mediador na escola e ter maior clareza da importância do professor na trajetória dos alunos. O produto final foi a apresentação de um relato de experiência no formato do livro da vida, baseado na Pedagogia de Freinet. Optei, então, por apresentar meu trabalho em forma de vídeo, para isso utilizei músicas e poesias com intuito de dar sustentação às minhas reflexões. Mediante esse trabalho final, considerando que cursava o Mestrado Profissional, surgiu a ideia de produzir um documentário autobiográfico a partir do meu encontro com a escola na infância e posteriormente, com a docência, a ser utilizado em processos de formação de profissionais da educação. Esse documentário narra minha trajetória escolar expondo inicialmente as dificuldades que enfrentei ao entrar na escola que me fizeram abandoná-la e na sequência, apresenta depoimentos de educadores não formais que me impactaram positivamente, e possibilitaram minha reaproximação com a educação formal. Também entrevistei pessoas que fizeram parte da minha história: familiares, ex-alunos e professores do Mestrado Profissional.

O objetivo deste trabalho é disponibilizar a narrativa de um educador em forma de documentário para sensibilizar os professores sobre suas práticas, auxiliando os processos de formação. Pensei em um produto que mostre a importância da escola promover e possibilitar diferentes oportunidades de aprendizagem para crianças em situação de vulnerabilidade social. Para a construção das narrativas utilizei as linguagens visuais, musicais e poéticas, que são as formas que me possibilitaram o encontro com a educação. Esse percurso de reconstrução da minha história me permitiu rememorar de forma intensa e me apropriar de partes importantes da vida, além de compor um retrato do meu Eu, rompendo o formato linear, ao fazer esse movimento através das marcas artísticas que trago.

As minhas práticas pedagógicas são as experiências construídas a partir de

minhas vivências, assim, relatá-las me auxilia a reelaborá-las e integrá-las ao meu processo de formação docente. Walter Benjamin (1987), afirma que a experiência é transmitida não pelo contador de história em si, mas através da própria história.

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual (Benjamin, 1987, p. 205).

Por isso, creio ser importante continuar a narrar as histórias, para que elas não se percam. Entre as histórias que poderiam ser contadas estão as histórias que narram como os professores escolheram a docência. Nóvoa (1995) afirma que hoje, na docência, não se pode separar o “eu pessoal do eu profissional, sobretudo numa profissão impregnada de valores e ideais, e muito exigentes do ponto de vista do empenhamento e da relação humana (p. 9)”. Portanto, compreender melhor os inúmeros obstáculos encontrados pelos indivíduos durante o caminho para se tornar docente e as táticas por eles utilizadas na tentativa de vencê-los, pode ser de valia para (re)planejar ações futuras. Nesta perspectiva a recordação e o relato autobiográfico de momentos significativos pessoais e escolares se propõem como um instrumento valioso na formação de professores, possibilitando a produção de conhecimento ao interpretar a própria vida e poder reelaborar alguns aspectos da trajetória profissional e dar novas direções e intenções para a prática docente.

Segundo Passeggi, Souza e Vicentini (2011), “as análises sobre escritas de si nos procedimentos de formação ampliam-se no Brasil, a partir dos anos 1990 (p. 370)”, diversificando a investigação sobre as escritas de si com a intenção de evidenciar um conjunto de abordagens utilizadas nesses estudos, sobretudo, com o nome de “pesquisa (auto)biográfica”, promovendo o diálogo entre pesquisadores, em contexto nacional e internacional. Essas pesquisas foram abordadas nas edições do Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA). Segundo os autores essa denominação aponta para a um campo de investigação já consolidado em outros países anglo-saxões (Biographical Research), na Alemanha (Biographieforschung) e na França (Recherche Biographique en éducation). Os autores descrevem que a autobiografia não se trata de uma escrita fechada em si, mas, de uma ampliação da investigação das pesquisas e das práticas de formação. Para os autores,

[...] não se trata de encontrar nas escritas de si uma “verdade” preexistente ao ato de biografar, mas de estudar como os indivíduos dão forma à suas experiências e sentido ao que antes não tinha, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles habitados, mediante o processo de biografização. Aqui a noção de grafia não se limita à escrita produzida em uma língua natural (oral e escrita), mas amplia a investigação fazendo entrar outras linguagens no horizonte da pesquisa e das práticas de formação:

fotobiografias, audiobiografias, videobiografias e abre-se para a infinidade de modalidades na web: blogs, redes, sites para armazenar, difundir e praticar formas de contar, registrar a vida e até mesmo de viver uma vida virtual (Bibble; biographie.com; nègres pour inconnus; biographie.net; Second Life, o Museu da Pessoa...). (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011, p. 371).

A variedade dos enfoques apontados no campo das investigações autobiográficas ressalta a importância de incorporar no campo das pesquisas em educação, práticas formativas que considerem outras linguagens, não em busca de uma verdade absoluta, mas, para analisar como os sujeitos descrevem suas experiências em relação ao que foi vivenciado durante sua história. Através do relato de experiências é possível propor reflexões sobre as marcas positivas ou negativas que a convivência na escola deixa nos sujeitos e que essas marcas podem permanecer em suas vidas futuras. O professor quando retoma sua história, pode compreender e buscar respostas para ações vivenciadas na escola, bem como repensar sua futura atuação em sua prática docente.

2 | CONTANDO UMA HISTÓRIA

Hoje, sempre retorno ao bairro que essas experiências aconteceram e rememoro a vida. Chego ao portão e vejo um gigante e impactante pé de manga no meio do terreno do meu tio, que quando criança ele me permitiu plantar. Acho que deu permissão para ocupar-me, pelo menos assim eu não estava na rua. Lembro que achei um caroço de manga no esgoto que passava na frente daquela casa e plantei. A árvore frutificou e hoje se tornou quase um monumento. Um dia perguntei a meu tio o porquê dele não ter cortado a mangueira. Ele disse que não cortava, pois essa árvore representa um memorial para ele. A mangueira cresceu tanto que foi preciso desviar fios de energia. A raiz expandiu muito saindo pra fora da terra, procurando mais espaço. Sempre que vou visita-lo vejo aquela imensa mangueira frutífera que se tornou para mim também um memorial. Comparo o desenvolvimento dessa árvore da mesma forma que a docência frutificou na minha trajetória, o quanto cresci e meu contínuo anseio por conhecimento como raízes procurando expansão. Nessas visitas ao bairro da minha infância, meu tio lembra-se de histórias que ficaram marcadas. Assim, um dia, perguntei sobre meninos que andavam comigo catando papelão e jogando futebol no campo de barro batido. Aqueles eram parceiros da rua na infância. Fui à casa de um deles, quem atendeu foi a mãe. Reconheceu-me rapidamente e disse que não tinha como se esquecer das minhas “artes” de menino. Era mãe de três filhos e me contou que dois estavam mortos. Eles não podem mais contar suas histórias como eu faço aqui. A fala dessa mãe enfatizava, a partir de vários relatos tristes, a questão deles serem negros. As histórias foram tão fortes e verdadeiras que fiz um retorno reflexivo sobre mim mesmo. Esses colegas que brincavam comigo entraram no mundo da marginalidade e dois foram mortos em troca de tiros com a polícia, somente o mais novo conseguiu se salvar do crime e do tráfico de drogas. A partir dessa narrativa pude compreender

a mim mesmo por meio do outro, me identifiquei não somente como pobre, mas também como negro. Talvez eu tivesse me distanciado tanto da minha origem que perdi a consciência de minhas raízes. Acredito que isso pode acentuar ainda mais a desigualdade e a injustiça. Segundo o Mapa da Violência de 2016, o Brasil é um dos países em que há mais homicídios de jovens no mundo. A maioria desses jovens é da cor negra e das periferias das cidades. Segundo os dados, em 2003 as vítimas de homicídios da raça negra apresentavam um índice de 71,7% de mortes a mais que os brancos e no ano de 2014 essa proporção pula alarmantemente para 158,9%. A partir do estudo demonstrado nesse mapa, faz-se necessário estender as análises realizadas e aumentar iniciativas para fomentação de políticas públicas para preservar e diminuir o número de vidas perdidas. Concordo com Louzano (2013) quando aponta as desvantagens de ser negro nessa pátria. Para a autora,

[...] á partir da década de 1980, pesquisadores concluíram que o racismo é compatível com o capitalismo, e que a desigualdade racial tende a prosperar em vez de desaparecer sob esse regime, necessitando, portanto, de políticas capazes de lutar contra essa desigualdade (Louzano, 2013, p.114).

Perante a minha história, a dos meus colegas e mediante os índices de homicídios apontados no mapa de violência 2016, bem como as pesquisas de Louzano (2013), é possível perceber o significado e dimensionar a magnitude absurda e surreal das desigualdades sociais, segregação e racismo que essa parcela da população vive. Ser criança, jovem e morador das periferias sempre foi sentir que não havia uma perspectiva de vida, mas sim uma perspectiva de morte. Significou ser visto a margem da sociedade. A escola foi um dos primeiros lugares que fui rejeitado, foi onde os primeiros apelidos racistas surgiram e se multiplicaram durante meu trajeto. Ser jovem pobre e negro foi viver aprisionado dentro de uma comunidade condicionada por uma lógica perversa de segregação. Era o lugar da carência, o lugar da falta. Na verdade, a escola deveria ser um caminho possível para ter a mentalidade que eu era igual, para ocupar outros espaços e ter condições de escolher o que eu queria ser e não estar sujeito a alternativas condicionadas por falta de políticas públicas. Esse seria o verdadeiro acesso a educação de qualidade. As instituições educativas deveriam mostrar que as relações dentro das periferias são boas, diferentemente do que mostra a mídia. Dentro das periferias não há só guerras e tráfico, o que há na realidade são carências de políticas equitativas, que mudem a condição que fomos condicionados pelo colonialismo e a escravidão, transformando a população pobre e negra em objetos, desumanizando-os, empurrando-os para a máquina de entortar homens.

No final da década de 1970, o momento não era favorável no meu contexto familiar. Minha mãe imigrante iletrada, recém-chegada a cidade de São Paulo, vinda do sertão, trazia na bagagem traços rurais tradicionais e inadequados ao Brasil moderno. Veio em busca de trabalho, devido à dificuldade da sobrevivência provocada pela seca no nordeste do país. Uma trajetória muito parecida a grande maioria dos pobres que vivem em meio à desigualdade e sonham com o sucesso nas grandes metrópoles.

No entanto, somente conseguem sobreviver e muitas vezes, suas vidas estão entre o divisor que ultrapassa o marco do tolerável, vivendo “a pobreza indigna, a miséria sintetizada e fome” (Sarti, 2010, p.108).

Minha família ao chegar a São Paulo, sonhando com a felicidade através do trabalho no moderno mundo urbano, não atingiu as exigências do mercado de trabalho para posições mais qualificadas. Assim, minha mãe conseguiu um emprego para trabalhar como empregada doméstica e meu pai como biscateiro e artesão de madeiras, trabalhos comuns aos pobres urbanos da época. Portanto, nossa renda familiar não ultrapassava dois salários mínimos, uma remuneração que não era adequada para sobrevivermos satisfatoriamente. Meus pais tinham muito orgulho de ter um trabalho devido a sua representação, que era mais que um instrumento de sobrevivência material, mas significava condição de autonomia moral, um tipo de afirmação positiva de si próprio, valor muito significativo para os pobres. Acredito por meio do trabalho que demonstram a força de vontade de vencer.

Nessa fase da minha trajetória, eu tinha oito anos, morávamos em um barraco que um tio de mudança para o interior da cidade nos cedeu. Minha mãe sempre nos orientava a ir para a escola, mas sem ela saber eu catava papelão nas ruas com meus vizinhos. Eram dois meninos um pouco mais velhos e eu tentava juntar dinheiro para comprar rolimãs para fabricar carrinhos de madeiras e brincar na rua. Como não tinha brinquedos confeccionava alguns deles. Catava papelão até como forma de complemento na renda de casa, mas não gostava! Eu andava pelas ruas e na minha cabeça passava um filme. Fantasiava para sobreviver e pensava que tudo não passava de um sonho. Minha vontade era andar limpo, brincar com as crianças da vizinhança, mas essa era a única alternativa para eu ter algum brinquedo. Além disso, queria trazer algum dinheiro para ajudar minha mãe comprar pães, macarrão ou até mesmo pescoço de frango. Minha vida era melancólica, sentia a dor na alma, o vazio de vida. Nessa fase nós não tínhamos um projeto de vida. O projeto era sobreviver ao próximo dia. Esse cenário me remete à literatura brasileira em “Vidas secas” de Graciliano Ramos (1938), que descreve a “carência” do iletrado. Denunciou também o “vazio”, o “oco” do discurso do letrado, instrumento de sua dominação.

Mediante esse contexto acontece meu encontro com a escola formal, que foi marcado por experiências diferentes da representação que eu tinha de escola. Uma representação repleta de sentimentos positivos, entre eles destaca-se a esperança de lá aprender coisas importantes, especialmente ler, escrever, brincar e fazer novos amigos. Mas também pairava o sentimento de medo, por ter escutado sobre as repreensões e castigos que algumas professoras aplicavam nos alunos desobedientes ou que não faziam o dever. Ouvia falar de crianças que ficaram de castigo trancados no banheiro por não fazerem a lição. Logo com a experiência cotidiana, confirmei essas expectativas negativas, que foram aumentando durante meus primeiros anos escolares. Como não havia feito educação infantil, minha expectativa era encontrar na escola formal brinquedos, bolas, armarinhos para colocar livros, desenho, giz de

cera. Essa ideia de escola me fez ficar ansioso para começar frequentar logo aquele espaço, que era grande: dois andares, quase imponente, comparado a minha moradia. Após os primeiros dias de aula minha mãe pediu que eu contasse o que havia ocorrido durante esses primeiros contatos com a professora e colegas. Minha fala foi simbólica: “Mãe, lá não tem brinquedos para brincar. Na classe tem muitas cadeiras e a lousa. Tem mesas que servem para colocar cadernos. Quando sentamos nas cadeiras a professora pede para copiar, aí olho na lousa e copio no caderno. Tenho que ficar sentado o tempo todo. Queria levantar pelo menos um pouco, mas a professora disse que não pode. Tem que ficar sentado até na hora do recreio!”.

Assim, a escola se mostra como uma instituição que se constitui como o espaço onde não pode haver alegria nas relações pessoais, entre todos que fazem parte do processo educativo e sobretudo, na relação professor-aluno. O silêncio mostra a frieza que é construída nas disciplinas excessivas. A alegria e felicidade são importantes para a criança aprender. Entretanto, essa palavra “felicidade”, mesmo que de forma velada, ainda não é muito aceita pela instituição escolar, é uma espécie de pecado. Paulo Freire, no prefácio do livro “Alunos Felizes”, escreve que,

Se o tempo da escola é um tempo de enfado em que educador e educadora e educandos vivem os segundos, os minutos, os quartos de hora à espera de que a monotonia termine a fim de que partam risonhos para vida lá fora, a tristeza da escola termina por deteriorar a *alegria de viver*. É necessária ainda porque viver plenamente a alegria na escola significa mudá-la, significa lutar para incrementar, melhorar, aprofundar a mudança (Snyders, 1993, p.9).

Dessa forma, a escola precisa superar a barreira do embate, truculência e da tristeza. Ainda é necessário lutar para que o ensino aproxime o mundo dos alunos com o da escola com alegria e prazer.

Em 2017, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) divulgou um relatório do Pisa 2015, que é aplicado a cada três anos para jovens em mais de 70 países. Nesse relatório o foco está no bem estar dos alunos. O estudo salienta a importância de uma reflexão que garanta a felicidade dos alunos, o instituto ressalta na apresentação do relatório que “as escolas não são apenas lugares onde alunos adquirem habilidades acadêmicas; são também ambientes sociais onde eles podem desenvolver competências sociais e emocionais de que necessitam para serem bem-sucedidos na vida”. Ou seja, as análises feitas pela instituição mostra que é possível andar em concordância o bom resultado acadêmico e o bem-estar, assim não é necessário sacrificar a felicidade dos alunos.

Nesse encontro com o ensino formal que comecei perceber que a instituição escolar estava voltada para uma minoria: os que sabiam fazer a lição. Não me sentia como parte integrante do processo educativo. Era uma criança diferente das demais. A escola se posicionava num processo de exclusão, acentuando essa diferença me tornando um desigual. O jeito de educar era padronizado, de uma única forma. Me sentia como uma espécie de manequim, mas o formato do meu manequim era outro, pois não cabia! Parece que a escola vivia para si, não considerando quem entrava e

saía.

Hoje, mais do que nunca, educar é um compromisso não apenas da escola, mas uma atitude que deve nortear as ações de todo cidadão comprometido com a construção de um mundo melhor. “É necessário toda uma aldeia para educar uma criança”, diz um provérbio africano.

No início do ano de 1987, eu tinha 11 anos, meu mundo que era fonte de tantas decepções, foi lentamente se modificando e atingido por uma série de encontros que se iniciou com a minha entrada em uma escola de música, dentro dessa comunidade que minha mãe nos levava. Ao ser apresentado as notas musicais logo minha mente se abriu, parecia uma espécie de véu se rasgando na parede, aquelas bolinhas pareciam pular da lousa ao meu encontro, algo mágico. Ali pela primeira vez eu tive chance de encontrar minhas características, aconteceu então uma energia de mudança. Aqueles momentos considero que foram os primeiros para uma vida feliz! Aqueles momentos não queria que acabassem, desejava que durasse a eternidade, a filosofia grega através de Aristóteles tenta explicar isso como Eudaimonia, ou seja, a felicidade. Para Aristóteles, esse termo significa alcançar a capacidade completa de cada um, assim a felicidade é o alvo dos indivíduos, tudo o que realizamos tem por objetivo a busca da Eudaimonia.

O que dizemos sobre a perícia política é o que ela visa atingir bem como sobre qual será o mais extremo dos bens susceptíveis de ser obtido pela ação humana. Quanto ao nome desse bem, parece haver acordo entre a maioria dos homens. Tanto a maioria como os mais sofisticados dizem ser a felicidade, porque supõe que ser feliz é o mesmo que viver bem e passar bem. (Aristóteles, 2009, p. 20.)

Foi o primeiro encontro que a educação proporcionava para ter uma vida de felicidade, quando a pessoa encontra qual é sua aptidão a vida fica melhor, a pessoa não quer que a vida passe rápido. O filósofo Friedrich Nietzsche (1891), disse na obra “Assim falava Zaratrustra”, que “se te apetece esforçar, esforça-te, se te apetece repousar, repousa, se te apetece fugir, fuja, se te apetece resistir, resista, mas saiba bem o que te apetece, e não recue ante nenhum pretexto, porque o universo se organizará para te dissuadir”. Às vezes, me faltava confiança de prosseguir devido à falta de compreensão dos códigos que não aprendi na escola formal. Tinha baixa autoestima e complexo de inferioridade frente aos demais, mas eu queria continuar. Até aquele tempo vivia arrastando-me, fazia tudo com vontade que terminasse logo. Mas ali não queria que acabasse, era bom estar naquele lugar. Eu ainda não conseguia perceber que aquelas descobertas das minhas características seriam frutificadas para se tornarem a árvore da docência e poderia futuramente, apesar dos percalços, desfrutar de dias melhores. A cada dia me sentia mais parte integrante daquele processo educativo. Os educadores estimulavam que eu mostrasse o que havia aprendido, sem cobrança do certo ou errado. Aquela instituição educativa não fazia juízo de valor entre certo ou errado, antigo ou novo. Era uma construção constante, construíamos soluções juntos. Considero que ali começou um novo tempo em minha história. Dessa forma,

começou frutificar a árvore da docência na minha trajetória, quando descobri minha aptidão, começou melhorar o meu cotidiano. Considero que assim iniciou o processo de uma vida melhor. A pobreza era a mesma, mas eu tinha um brilho nos olhos! É certo que essa oportunidade de aprender só frutificou devido ao posicionamento dos educadores que me acolheram, não me faziam sentir como um desigual. Sabiam que eu era diferente, mas não desigual. Foi um processo de superação, esse encontro com outros professores, outro contexto social, trouxe um novo vínculo com a vida, outro processo de significação.

Esse empoderamento que fui adquirindo veio por uma força interna que dia-a-dia, de “golpe em golpe”, foi crescendo, assim, essas “mãos estendidas” na minha direção estabeleceu uma relação de troca de aprendizado, aos poucos atingindo certo equilíbrio. Sempre foi prazeroso estar no mundo das notas e instrumentos musicais. Meu prazer fazia com que apreendesse mais na memória informações devido ao valor gerado na minha vida. Às vezes a escola formal, como ela se organiza, é incapaz de gerar um valor para as pessoas, mas às vezes por outros caminhos isso é possível.

A música era um conhecimento próximo da minha realidade, não era um valor distante. Eu não me perguntava mais para que vou aprender isso? Era outra instituição, um lugar que eu frequentava por prazer. Passei por metamorfoses durante minha trajetória, meu capital cultural se fortaleceu, assim retorno ao ensino formal e concluo o ensino médio, posteriormente trabalhei em um colégio como porteiro durante cinco anos e lá tive a oportunidade e incentivo de concorrer a bolsa de estudos para um curso superior. Escolhi o caminho da licenciatura em música. Na metade da minha licenciatura iniciei como professor da rede pública, numa comunidade pobre, extremo sul da capital paulista, região com alto índice de violência, baixo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e carência de saneamento básico. A identificação foi imediata, observava aqueles meninos e meninas, passava como um filme me via quando menino. O lugar era muito parecido com o bairro que morava na infância.

Sou filho da escola pública! Agora depois de décadas me deparo do outro lado desse contexto escola-aluno-família. Como docente convivo com crianças que reverberam minha infância. Atuar nesse contexto trás experiências diversas e por inúmeras vezes fico perplexo e interrompo meu olhar. Larrosa afirma que, “a experiência é algo que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. (LARROSA, 2002,p.21) Experiência, o que é? Para que serve a experiência? A efetiva experiência acontece no silêncio, quando há o interrompimento do cotidiano, para que algo me afete é preciso parar! Ela nos deixa com cicatrizes boas ou ruins. Pode ser uma lembrança de algo negativo que fizeram comigo, mas também há a hipótese de servir como um memorial de algo bonito do que faço com aquilo que fizeram comigo. Segundo Sartre, “O essencial não é aquilo que se fez do homem, mas sim aquilo que ele fez daquilo que fizeram dele” (Sartre 1952).

Ao concluir, compreendo que a análise das minhas experiências com a escola

formal na infância e adolescência e com a docência na vida adulta indicou que muitas das ações e atitudes dos professores que me marcaram de forma negativa ainda se perpetuam nas instituições escolares da atualidade, principalmente naquelas que acolhem os alunos pertencentes das classes populares. Ao voltar para a escola como docente, deparei-me com uma escola que vivia fechada, que não se aproximava do mundo dos alunos.

Uma escola que não consegue perceber que há alunos do ensino médio que, às vezes, têm mais saberes sobre como se movimentar em ambientes hostis e como sobreviver com o mínimo de recursos do que os próprios docentes. Esses alunos, no entanto, não conseguem ter a mesma desenvoltura na escola, pois ela se encontra muito distante de suas necessidades e deste modo, não têm sentido para eles. É salutar que esses jovens sejam despertados, renasçam e tomem consciência do seu papel, mesmo o mais obscuro, dessa forma, poderão encontrar sentido na educação e assim serem felizes. Mas a escola muitas vezes se coloca como uma “máquina de entortar homens”.

Hoje eu posso relatar e narrar minha história, a forma que as instituições me impactaram e como me impressionei com a vida, a vulnerabilidade frente minha trajetória. Ao ter oportunidade de relatar o que ocorreu comigo e propor uma formação através da reflexão autobiográfica me isento de ter uma única história sobre o que é a vida dos pobres e negros no “mundo dos homens”, onde o comum é o olhar arrogante ou o sentimento de pena e piedade. O que me impressiona é que alguns não percebem que é possível outra história, outras possibilidades de ver uma família. Nessa única história, não existe a possibilidade dos pobres e negros terem oportunidades para a igualdade.

Pelas minhas experiências pude compreender uma sociedade injusta e desigual. Percebo que se não tivesse vivido no meio desse contexto de vulnerabilidade, talvez não teria a consciência do potencial que há numa criança pobre, que os que são perseguidos pela injustiça se tivessem oportunidade seriam capazes de falar por si mesmos. Não conseguiria perceber que não há só guerras sem sentido pelo tráfico dentro das favelas, há pessoas que vivem em harmonia, numa vida comunitária e há esperança. Não perceberia que mesmo dentro da miséria pode nascer um Beethoven ou a árvore de um docente, e talvez perceberia os desiguais da mesma forma que a mídia propaga. Na verdade, o que falta nas favelas são políticas públicas que possibilitem as pessoas que ali habitam sejam ouvidas e possam fazer suas escolhas.

Visualizo a trajetória da vida como atravessar uma ponte, para uns a travessia é mais fácil, para outros esse mesmo percurso tem enormes crateras, buracos perigosos que atrasam a chegada ao outro lado. Ainda há outros que não conseguem superar as dificuldades e se perdem no meio da travessia e não conseguem chegar ao outro lado. Conforme Dubet (2008; 2009) e Rawls (2003), quando a sociedade distribui os bens de forma equitativa, incentivando políticas educacionais e sociais para que todos detenham o conhecimento comum necessário, é possível ultrapassar os obstáculos

e a vida é melhor de ser vivida, pois se garante a autoestima e a dignidade a partir de uma trajetória escolar e social menos conturbada. Entretanto, instituições como a sociedade e a escola impossibilitam o acesso de oportunidades e marginalizam cada vez mais aqueles que já são excluídos ao não proporcionar condições equitativas suficientes. Mediante o cenário social atual, em que muitas famílias não são mais constituídas no formato tradicional, mas são multifacetadas e não correspondem a família ideal projetado pela escola, é necessário uma ressignificação da prática do educador, em que ele atue com práticas sociais educativas equitativas que contemplem as classes populares.

Quando iniciei meu trabalho docente, vi e senti a realidade dos docentes e discentes. Percebo sofrimento de ambos os lados. Tomei consciência de como minha trajetória influi na postura que tenho frente aos alunos e famílias. Lembro-me de educadores que faziam juízo a meu respeito e à minha família quando eu era aluno. Hoje fujo dessa postura. Portanto, antes de julgar o aluno e sua família, procuro compreendê-los, na tentativa de olharmos juntos para a mesma direção. Continuamente cuido para não cair na vala comum. Procuro aproximar a minha prática cotidiana da realidade dos alunos. Uma aproximação com cuidado de não incorporar meus ideais e valores ao outro. Sigo frente uma “terceira margem do rio”. Guimarães Rosa narra à história de um homem que decide se isolar em uma canoa no meio do rio. Diversas são as tentativas de seus familiares de dialogarem com esse homem e convencê-lo em retornar. Sobretudo seu filho busca uma terceira margem do rio, em que seria possível aproximar-se e finalmente saber o motivo do isolamento e tristeza seu pai. “Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais” (Guimarães Rosa, 2001, p.50).

Guimarães Rosa nos leva a indagar e tentar uma aproximação à terceira margem do rio, que comparo a condição escolar. No nosso conhecimento conseguimos nos movimentar com tranquilidade entre a primeira e a segunda margem, entretanto, o autor propõe uma terceira margem a ser indagada ou definida. Por meio do discurso do texto é possível perceber o distanciamento entre pai e filho, além da busca constante do filho em tentar uma reaproximação com o pai. A partir dessa narrativa faço uma reflexão como docente e comparo as estratégias do filho com a necessidade da escola tentar aproximar-se da realidade do aluno.

Ensinar música foi onde achei o meu lugar, foi o caminho do empoderamento, assim, no meu caso, a sala de aula ensinando música e arte é um dos lugares onde a felicidade, equidade e justiça são possíveis. É junto das crianças da periferia em escolas com baixo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) que busco uma possível igualdade, é ali que as histórias se cruzam e atravessam a minha trajetória, nunca mais saí desse lugar. Sou aquele pequeno caroço de manga que vingou e se tornou uma frutífera mangueira. Quando a terra é afogada e desde que haja condições propícias tudo pode ser melhor. Assim me questiono como descobrir talento

para música em uma escola que não oferece instrumentos musicais? Como descobrir talentos para o esporte em uma instituição que não oferece uma quadra de esportes e outras ferramentas necessárias? Como descobrir talentos para pensamento crítico e reflexivo em uma escola que não oferece aulas de Filosofia, História e Sociologia? A reflexão que faço é que existe um lugar para todos independente dos cruzamentos e entrelaçamentos da vida, a partir de oportunidades serem oferecidas a todos equitativamente, possibilitando a crianças, jovens e adultos buscarem se devolver para o mundo dos homens.

Quando tomo consciência do papel do educador penso justapostamente e reflexivamente ao texto do escritor uruguaio Eduardo Galeano denominado “A função da arte/1”, publicado em seu “O Livro dos Abraços” (1989).

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Me ajuda a olhar! (Galeano, 1989, p.15).

Ao ler esse texto reflito o significado da função do educador que é o compromisso de ajudar meninos e meninas encontrarem proximidade com seu mundo, não deixando que vaguem pelos corredores das instituições sem encontrar sentido e valor na vida, na educação, proporcionando um diálogo com as disciplinas, afastando os saberes da sua incomunicabilidade, para Furlanetto (2014):

Para isso, as disciplinas científicas não poderiam ser mais territórios isolados, produtores de saberes incomunicáveis, guiados por regras e éticas próprias. Era necessária uma ligação mais explícita e coerente com o contexto, e isso seria possível caso houvesse diálogo entre as disciplinas científicas e entre elas e outras formas de conhecimento, como a Arte, Filosofia, Religião e Tradição (Furlanetto, 2014, p.60).

No texto o menino ao pedir “Me ajude a olhar!”, me faz pensar na responsabilidade do educador de não deixar que gerações de crianças e adolescentes se percam em um mundo que cotidianamente parece menos seu. O compromisso não de ensinar como é o mar, mas sim de juntos descobrirem e se propiciarem desse mar. Quando uma criança pede para o professor “Me ajude a olhar!”, reconhece a necessidade de ir além, de mirar outras possibilidades, numa relação de parceria e amizade com o educador.

Quisá educadores percebam a importância e prazer de levar alunos descobrirem novas fronteiras, novos oceanos, superar em conjunto obstáculos, dunas e areias, uma descoberta da reinvenção, ressignificação, reapropriação e empoderação da vida!

Ainda em Eduardo Galeano no Livro dos Abraços, em sua “Celebração das contradições/2”:

[...] Somos, enfim, o que fazemos para transformar o que somos. A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosa síntese

das contradições nossas de cada dia. Nessa fé, fugitiva, eu creio. Para mim, é a única fé digna de confiança, porque é parecida com o bicho humano, fodido mas sagrado, e à louca aventura de viver no mundo (Galeano, 1989, p.123).

Entro em concordância com o educador Tião Rocha (1991) que baseando Paulo Freire (1996) e Eduardo Galeano diz “cada promessa é uma ameaça; cada perda, um encontro. Dos medos nascem as coragens; e das dúvidas, as certezas. Os sonhos anunciam outra realidade possível e os delírios, outra razão” (s/n).

Á partir das minhas vivências e experiências faço uma reflexão que é como a escola pode ser transformadora? A escola ao quebrar a função reprodutivista priorizando a função educativa se constitui em um espaço de vantagem na luta para que cidadãos consigam buscar conhecimento criticamente. Mesmo inserida numa sociedade que prega a igualdade, mas produz a desigualdade, ainda sim, essa instituição pode ser considerada como uma luz no meio da escuridão. Não como redentora ou a única fonte suprema de possibilidade de equidade, mas como possibilidade de em comunhão resultar o ser da transformação, por meio de uma concepção humanista e libertadora.

Uma escola que aprenda o outro, superando uma concepção bancária e seguindo em direção a uma concepção humanista e libertadora, onde o professor seja um facilitador para o aluno, ambos caminhando em comunhão, sem manipulação, assim esse ser de transformação poderá receber o conhecimento que quer saber de verdade, um conhecimento sem a intenção da domesticação do homem. Uma “escola de espantos” provocadora e incentivadora, que escute os anseios dos alunos e não ensine somente coisas, mas sim uma instituição e professor que ensine a pensar e produza curiosidades, o educador Rubem Alves enfatiza que “a missão do professor é provocar a inteligência, é provocar o espanto, é provocar a curiosidade”. O homem é um ser em busca permanente, por isso requer uma educação que aproxime os mundos e provoque curiosidade, assim, poderá perceber o que as crianças e jovens querem saber de verdade.

Por fim, com esse trabalho consigo perceber que ao retornar à minha biografia tomo consciência não mais como um espectador, mas como autor da minha história. Durante o percurso desse documentário tive a experiência da escuta sensível, dar voz a outros, por meio desses diálogos aprofundei minha concepção de emancipação que é a capacidade do homem admirar, operar e transformar o mundo, não apenas nele, mas com ele. Para Freire (1967):

A possibilidade de admirar o mundo implica em estar não apenas nele, mas com ele; consiste em estar aberto ao mundo, capta-lo e compreende-lo; é atuar de acordo com suas finalidades a fim de transforma-lo. Não é simplesmente responder a estímulos, porém algo mais: é responder a desafios. As respostas do homem aos desafios do mundo, através das quais vai modificando esse mundo, impregnando-o com o seu “espírito”, mas do que um puro fazer, são quefazeres que contêm inseparavelmente ação e reflexão. Freire (1967, p.33)

No percurso deste trabalho fui despertado a narrar experiências que estavam silenciadas. Ao relatar e narrar fui conduzido para uma reflexão crítica sobre eu próprio,

a escola, os atores educacionais e suas práticas. Esse movimento trouxe uma auto-reflexão que causou uma auto-formação e ao pensar sobre mim culminou em uma prática libertadora no meu cotidiano. Para Josso (1999):

O relato de experiência serve de base a um inventário de capacidades e competências e se traduz em um “portfólio” que ficará como um recurso que a pessoa poderá utilizar tanto em um contexto de emprego quanto em um contexto de formação. Josso (1999, p. 131).

Atomada de consciência no trajeto desse trabalho me levou para a conscientização que o humano é um ser de transformação com várias dimensões. A dimensão emocional e afetiva foi o lugar fundamental na minha história, assim, minha prática foi ressignificada. Estar atento à dimensão emocional das crianças e lutar para que a escola seja o lugar do prazer e da felicidade tem sido a minha oração e quando a sombra da máquina de entortar homens que “coisifica” os alunos se aproximam dos meus dias, volto para dentro de mim e caminho para o lugar que estou salvo, que é o lugar de sonhar o mundo dos homens com mais equidade e menos violência. Um mundo de justiça e esperança, onde dar a mão ao próximo e caminhar em comunhão, paz e fraternidade como as crianças que precisam que guiemo-nas seja o lugar que nos salvará.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Antonio de Castro Caiera. São Paulo: Atlas, 2009.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CARRAHER, T.; SCHIEMAN, A. **Fracasso escolar**: uma questão social. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 45, p. 3-19, mai. 1983.
- DUBET, François. **A escola e a exclusão**. Disponível em: <http://www.scielo.org.br>. Acesso em 15.
- FREITAS, L. **A internalização da exclusão**. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 80, p. 299-325, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004 (Coleção leitura).
- FURLANETTO, Ecleide Cunico. **Como nasce um professor?** : Uma reflexão sobre o processo de individuação e formação. São Paulo. Editora Paulus, 2003.
- GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre. Editora Pallotti, 2015.
- JOSSO, MARIE-CHRISTINE. **História de vida e projeto**: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. *Educação e Pesquisa*. v.25 n.2 São Paulo jul./dez.1999.
- LAHIRE, Bernard, **Sucesso escolar nos meios populares**: As razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, n.19, p.21, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra**. Wikisource, http://pt.wikisource.org/wiki/Assim_falou_Zaratustra , 2012.

NÓVOA, António. **Os professores e as Histórias da sua vida**. In: NÓVOA. António (org.) Vidas de professores. Portugal: Porto Editora, 1992.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. **Entre a vida e a formação**: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. Educação em Revista: Belo Horizonte, v. 27, n. 01, abril 2011, p. 369-386.

PATTO, M. A. **Produção do fracasso escolar**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

ROCHA, A. **Contribuição das revisões de pesquisa internacionais ao tema evasão e repetência no primeiro grau**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 45, p. 57-65, 1983.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras histórias**. 15. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **Terra dos homens**; Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2016.

SARTI, Cynthia Andersen 1996. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres/ 6. ed. – São Paulo : Cortez, 2010.

SARTRE, Jean Paul 1952. Saint Genet: **Comédien et martyr**. Paris, Gallimard.

SNYDERS, Georges. **Alunos Felizes**: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-461-0

